

PROGRAMA GANHE O MUNDO: OUTSIDERS QUE CRIARAM REDES DE INTERDEPENDÊNCIA

GAIN THE WORLD PROGRAM: OUTSIDERS WHO CREATED NETWORKS OF INTERDEPENDENCE

PROGRAMA GANHE O MUNDO: OUTSIDERS QUE HAN CREADO REDES DE INTERDEPENDENCIA

Charles Gomes Martins¹

 <https://orcid.org/0000-0002-7496-8538>

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

e-mail: consultoriaeducacional@gmail.com

Catarina da Silva Souza²

 <https://orcid.org/0000-0003-0095-4229>

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

e-mail: souzaug@gmail.com

José Luis Simões³

 <https://orcid.org/0000-0003-4915-2323>

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

e-mail: joseluis2711@yahoo.com.br

Izabel Adriana Gomes de Sena⁴

 <https://orcid.org/0000-0002-5272-708X>

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

e-mail: sena.belag@gmail.com

Resumo

Este resumo é um recorte da pesquisa de Doutorado em Educação da UFPE que surgiu durante a coleta de dados com estudantes egressos do Programa Ganhe o Mundo. A pesquisa trata sobre histórias de vidas de estudantes do Ensino Médio de Pernambuco, que realizaram o intercâmbio, abordando suas experiências de mobilidade acadêmica internacional (2012-2020). Temos como objetivo geral, analisar o processo de configuração dos estudantes diante da experiência de mobilidade acadêmica, e objetivo específico, identificar as redes de interdependência estabelecidas entre estes estudantes. Para este artigo a metodologia aplicada terá como pressuposto teórico Bardin (2011). Entrevistamos estudantes intercambistas do PGM que foram escolhidos através de sorteio, utilizamos gravações de áudio e imagem. Como resultados da pesquisa em andamento sugerimos: a) que os estudantes criaram redes de interdependência com diversos atores sociais; b) alguns conseguiram responder às agressões dos colegas internacionais e estabeleceram respeito no espaço social em que estavam inseridos e c) outros estudantes não conseguiram reagir às provocações e se isolaram dos colegas mesmo que prejudicasse a sua experiência. Como conclusão, acreditamos que descobriremos mais elementos que nos ajudem a compreender como foram estabelecidas as configurações sociais dos estudantes e como estas redes criadas possibilitaram o usufruto desta experiência em suas trajetórias.

Palavras-chave: Estabelecidos; Outsiders; Redes de interdependência.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2010).

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2010).

³ Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2005). Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2000).

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Abstract

This summary is a clipping of the research of the Doctorate in Education of UFPE that emerged during the data collection with students who graduated from the Programa Ganhe o Mundo. The research deals with the life stories of high school students from Pernambuco, who conducted the exchange, addressing their experiences of international academic mobility (2012-2020). We have as a general objective, to analyze the process of configuration of the students before the experience of academic mobility, and a specific objective, to identify the interdependence networks established among these students. The applied methodology has as a technique the oral history of life with the elaboration of sociological portraits according to the assumptions of Bernard Lahire (2004). We interviewed exchange students from PGM who were chosen by lot, we used audio and image recordings. As a result of the ongoing, research we, suggest: a) that students have created networks of interdependence with various social actors; b) some managed to respond to the aggressions of international colleagues and established respect in the social space in which they were inserted and c) other students could not react to the provocations and isolated themselves from colleagues even if they harmed their experience. In conclusion, we believe that we will discover more elements that help us to understand how the social configurations of the students were established and how these created networks enabled the enjoyment of this experience in their trajectories.

Keywords: Established; Outsiders; Interdependence networks.

Resumen

Este resumen es un recorte de la investigación de Doctorado en Educación de la UFPE que surgió durante la recolección de datos con estudiantes egresados del Programa Ganhe o Mundo. La investigación trata sobre historias de vidas de estudiantes de la Enseñanza Media de Pernambuco, que realizaron el intercambio, abordando sus experiencias de movilidad académica internacional (2012-2020). Tenemos como objetivo general, analizar el proceso de configuración de los estudiantes ante la experiencia de movilidad académica, y objetivo específico, identificar las redes de interdependencia establecidas entre estos estudiantes. La metodología aplicada tiene como técnica la historia oral de vida con la elaboración de retratos sociológicos de acuerdo con los presupuestos de Bernard Lahire (2004). Entrevistamos a estudiantes de intercambio del PGM que fueron elegidos por sorteo, utilizamos grabaciones de audio e imagen. Como resultados de la investigación en curso sugerimos: a) que los estudiantes crearon redes de interdependencia con diversos actores sociales; b) algunos lograron responder a las agresiones de los colegas internacionales y establecieron respeto en el espacio social en que estaban insertados y c) otros estudiantes no consiguieron reaccionar a las provocaciones y se aislaron de los colegas incluso si perjudicaban su experiencia. Como conclusión creemos que descubriremos más elementos que nos ayuden a comprender cómo se establecieron las configuraciones sociales de los estudiantes y cómo estas redes creadas posibilitaron el disfrute de esta experiencia en sus trayectorias.

Palabras clave: Establecidos; Outsiders; Redes de interdependencia.

1. INTRODUÇÃO

O Programa Ganhe o Mundo teve como nascedouro o contexto de mudanças sociais, econômicas e culturais no Brasil devido a Copa de 2014. Numa antecipação de investimento governamental da época em Pernambuco, foi em 2012, que o PGM se tornou o primeiro intercâmbio cultural para estudantes do Ensino Médio promovido com financiamento público através da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.

A proposta inicial do PGM foi de oferecer experiência internacional na modalidade High School para os estudantes de sua rede estadual com representatividade em todos os municípios de Pernambuco. Uma das premissas divulgadas do referido programa foi de que os estudantes após a experiência de intercâmbio pudessem integrar-se às atividades realizadas na Copa que teve como lugar de jogos Recife, atendessem aos turistas e fossem inseridos no mercado de trabalho, apresentando competitividade através da apreensão de uma língua estrangeira.

A problemática que nos propomos em pesquisar trata de questões referentes às relações interpessoais entre os intercambistas (outsiders) e estudantes canadenses (estabelecidos) que interagiram durante a realização do intercâmbio do Programa Ganhe o Mundo. Foi durante a coleta e

análise de dados que observamos que havia uma relação entre estabelecidos e outsiders na perspectiva de Norbert Elias (2000). Este autor é base teórica para o nosso estudo e desvenda aspectos referentes a forma como numa relação desigual de poder, diante de condições distintas, pode haver a fomentação de elementos como o preconceito e discriminação nas relações humanas entre pares.

Entre os estudantes intercambistas do PGM e os canadenses existiram diversos elementos que os distanciam, desde as condições de vida até a sua perspectiva de futuro. Mas, existem características entre eles que os unem, como; idade, estrutura biológica, ansiedades, condições emocionais e mesmo conteúdo pedagógico. O distanciamento através da comunicação em inglês foi superado por alguns estudantes que conseguiram apropriar-se do idioma. Os que não conseguiram este desenvolvimento não puderam usufruir de maior autonomia.

A pesquisa está em curso e se materializou de fato neste recorte pois reforça a tese de que o intercâmbio potencializou o desenvolvimento de competências socioemocionais e cognitivas.

Ao contar as histórias de vidas dos estudantes do PGM no período de (2012-2020) desvendamos diversas informações destas experiências individuais que podem representar os relatos de oito mil estudantes enviados para onze países de língua inglesa e espanhola.

Ao analisarmos o processo de configuração dos estudantes diante da experiência de mobilidade acadêmica identificamos que existiram redes de interdependência entre eles e que a presença destas redes pode ter garantido para alguns o apoio mútuo diante das dificuldades da experiência.

Buscamos estabelecer a possível relação de três elementos que foram destacados pelos estudantes (adaptação, sociabilidade e expectativas) com o surgimento de redes de interdependência. Os dados analisados apontaram que os estudantes precisaram fomentar uma rede de interdependência que os auxiliasse no processo de intercâmbio e em sua sobrevivência.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A relação estabelecidos/outsiders- redes de interdependência que conectam pessoas

A nossa base teórica se alicerça nas obras de Norbert Elias (1897-1990), em especial, o livro “Estabelecidos e outsiders” (2000), onde o autor discute sobre as razões que levam alguns grupos a terem mais poder que outros. Neste caso específico, busca descobrir na cidade de Wiston Parva, que se trata de uma pequena comunidade formada por um bairro de moradores antigos, rodeado por duas povoações formadas mais recentemente.

O grupo de moradores mais antigos formava uma clara divisão com o grupo mais recente, estes chamados de outsiders, sendo estigmatizados pelo grupo estabelecido que considerava ter uma espécie de valor humano superior aos demais. Para Elias (2000, p.19), “essa é a autoimagem normal dos grupos que, em termos de seu diferencial de poder, são seguramente superiores a outros grupos interdependentes”. Assim, esses grupos mais poderosos se veem como dotados de virtudes e carismas que os tornam superiores aos demais.

Neste sentido, o autor considera como característica constante neste tipo de figuração social estabelecidos-outsiders, o fato do grupo outsider ser excluído dos contatos sociais não profissionais e isso se tornava possível principalmente através das fofocas depreciativas, ao mesmo tempo em que atribui características humanas superiores ao grupo estabelecido, utilizando-se das fofocas elogiosas como meio de controle social.

Deste modo, o autor defende que a forma de investigar estas relações em uma pequena unidade social pode contribuir para explicar estas relações em figurações maiores, uma vez que, acredita ser universal, mas sem descartar as necessidades de revisão.

Nesta configuração são observados moradores que não se distinguem quanto à nacionalidade, nível de escolaridade, entre outras características, além disso, também não diferiam quanto à classe social, ambos eram compostos por trabalhadores. Apenas o tempo de residência na cidade, um grupo mais antigo e um recém-chegado caracterizava a diferença entre eles.

Elias chama atenção para o fato de se observar este tipo de superioridade entre grupos principalmente no contexto de grupos étnicos e nacionais por exemplo, porém, no caso de Wiston Parva era apenas pelo tempo de vivência no local.

Este tipo de superioridade se tornava possível principalmente pelo seu maior potencial de coesão e consequente controle social, conseguindo assim excluir os outsiders dos cargos importantes das organizações locais. Assim, conseguiam manter a exclusão e estigmatização dos moradores recentes e mantinham sua identidade e superioridade. Assim, para Elias (2000, p. 22) “a própria figuração estabelecidos-outsiders mostra, em muitos contextos diferentes, características comuns e constantes”.

Neste caso de Wiston Parva, uma das constantes era atribuir ao grupo outsider características “ruins” de sua minoria anômica e, enaltecer o grupo estabelecido pela minoria de seus “melhores” membros.

Neste contexto, as considerações de inferioridade e superioridade só eram possíveis devido à relação entre os dois grupos. Neste sentido, este tipo de problema não é possível de ser realizado analisando apenas o indivíduo, é necessário realizar através da análise do grupo, ou seja, deve ser trabalhada na figuração dos grupos, na sua relação de interdependência e não apenas na estrutura da personalidade individual.

Desta forma, a partir do momento que o grupo dominador está bem firmado na sua posição de poder, é possível estigmatizar o grupo de outsiders com mais eficiência e excluí-los, através também da utilização do rótulo de “valor humano inferior”, assim, segundo Elias (2000, p. 24) “o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo”.

Outro aspecto presente na relação estabelecidos-outsiders é a coesão, carisma grupal, do grupo poderoso e a sua falta no lado dos outsiders, isto porque o grupo era recém-chegado e não se conheciam, dificultando a organização para o enfrentamento desta situação, e assim, mesmo sendo compatriotas, a chegada dos novos moradores era vista como ameaça à estabilidade e ao estilo de vida do grupo, uma vez que, são vistos como anômicos.

Neste caso, os estabelecidos também se utilizam de conceitos como meio de estigmatização e isto ocorre conforme características do grupo, com o objetivo de trazer implicações de inferioridade e desonra, assim, “seu poder de ferir depende da consciência que tenham o usuário e o destinatário de que a humilhação almejada por seu emprego tem o aval de um poderoso grupo estabelecido, em relação ao qual o do destinatário é um grupo outsiders, com menores fontes de poder” (Elias, 2000, p.27).

A própria condição de outsiders e sua humilhação e opressão, como por exemplo o baixo padrão de vida, geram no grupo de menor força a sensação de inferioridade humana ao mesmo tempo que justificam o status elevado e o valor humano superior do grupo mais forte e consequentemente, através das suas normas, os grupos outsiders se veem com menos valor, assim,

“aos grupos estabelecidos veem seu poder superior como um sinal de valor humano mais elevado, os grupos outsiders, quando o diferencial de poder é grande e a submissão inelutável, vivenciam afetivamente sua inferioridade de poder como um sinal de inferioridade humana” (Elias, 2000, p.28).

Ao atribuir uma reputação negativa a um grupo, é provável que ele corresponda a expectativa. Neste sentido, dependerá da situação global, assim, a resposta a esta estigmatização poderá transformar-se em uma apatia paralisante como também em normas agressivas ou em anarquia.

Outro aspecto importante discutido é sobre o desenvolvimento das crianças dos diferentes grupos, uma vez que, utilizando como exemplo a questão escolar, membros pertencentes a um grupo estigmatizado pode apresentar déficits intelectuais e afetivos específicos, ou seja, essas diferenças não se devem a diferenças étnicas ou raciais, se deve pelo fato do grupo estabelecido ser dotado de recursos superiores de poder e terminar por criar barreiras ao grupo outsiders que se apresenta inferior em termos de poder. Desta forma,

“mesmo quando existem esses casos as diferenças de aparência física e outros aspectos biológicos o que nos referimos como ‘raciais’, a sociodinâmica da relação entre grupos interligados na condição de estabelecidos e outsiders é determinada por sua forma de vinculação e não por qualquer característica que os grupos tenham, independentemente dela” (Elias, 2000, p. 32).

Quando os diferenciais de poder são grandes nestas relações, as tensões e conflitos entre os grupos podem manter-se latentes, porém caso a relação de poder se altere em favor dos outsiders, esses conflitos tendem a aparecer de forma contínua. Assim, segundo Elias (2000, p.33) “a superioridade de poder confere vantagens aos grupos que a possuem”. Essa superioridade pode ocorrer em relação a bens materiais ou econômicos. Neste caso, quando essa diferença diminui entre os grupos, outros aspectos não econômicos entram em cena nas tensões e conflitos.

A partir do momento que o grupo outsider consegue garantir sua subsistência através dos seus recursos econômicos, é possível que eles possam atender a outras aspirações humanas e neste caso passam a sentir, ainda mais, a inferioridade social, ou seja, a inferioridade de poder e de status que sofrem. É neste momento que a luta estabelecidos-outsideers se transforma em luta para satisfazer outras aspirações humanas.

Nesta relação, o objetivo de sobrevivência humana física, assume prioridade sempre que sua obtenção é incerta. Diante da realidade humana de crescimento acelerado em relação aos seus meios de abastecimento, esses conflitos tendem a aumentar diante também das suas interdependências, e assim, “quando a busca da satisfação desse tipo de anseio humano predomina à exclusão de todos os demais, os seres humanos tendem a perder parte das características específicas que os distinguem dos outros animais” (Elias, 2000, p. 34).

Quando o grupo outsider não apresenta mais tanta diferença em relação aos meios econômicos, o estigma ainda não desaparece. Desta forma, a privação sofrida pelo grupo não é uma privação de alimento. Nesta relação estabelecidos-outsideers, a estigmatização ocorre associada a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido, que serve para justificar o preconceito em relação ao grupo outsider. Neste sentido,

“o estigma social que seus membros atribuem ao grupo dos outsiders transforma-se, em sua imaginação, num estigma material – é coisificado. Surge como uma coisa objetiva, implantada nos outsiders pela natureza ou pelos deuses. Dessa maneira, o grupo estigmatizador é eximido de qualquer responsabilidade: não fomos nós, implica essa fantasia, que estigmatizamos essas pessoas e sim, as forças que criaram o mundo” (Elias, 2000, p.35).

Essas fantasias no estágio primitivo da vida podem influenciar a moldagem dos afetos e condutas. As fantasias enaltecedoras e depreciativas desempenham um papel muito importante nas relações humanas de poder. Na verdade, todas as lutas que podem ser silenciosas ou não, tem como objetivo modificar o equilíbrio do poder, assim, os grupos outsiders agem no sentido de reduzir o poder responsável pela sua situação inferior, da mesma forma, o grupo estabelecido procura preservá-lo.

Em Wiston Parva, uma diferença importante estava no fato de que os estabelecidos tinham um passado em comum que fortalecia a constituição interna do grupo e suas relações, como por exemplo, lembranças, apegos e diversões comuns, diferentemente do grupo recém-chegado.

Uma característica importante desta relação antiga entre os membros estabelecidos é que a opinião interna dos seus membros exerce uma profunda força reguladora de seus sentimentos e sua conduta, ou seja, em Wiston Parva para obter a aprovação da opinião do grupo, é necessário obedecer às normas gerais. Neste sentido, “a autoimagem e a autoestima de um indivíduo estão ligadas ao que os outros membros do grupo pensam sobre ele” (Elias, 2000, p.40).

Isto acontece, pois, os indivíduos estão mais suscetíveis a pressão do “nós”, uma vez que, este pertencimento cria em seus membros um sentimento de maior valor humano em relação aos outsiders.

A submissão às normas específicas do grupo tem como recompensa o caráter auto-engrandecedor possibilitando um diferencial maior de poder que aumenta o amor-próprio coletivo e assim os padrões de continência afetiva que são característicos desse grupo, são tidos como ausentes nos grupos inferiores.

A não obediência dos outsiders a essas regras constituem um fator de irritação ao grupo estabelecido e, desta forma, a estigmatização e a rejeição aparecem como um contra-ataque, assim,

“o grupo estabelecido sente-se compelido a repelir aquilo que vivencia como uma ameaça a sua superioridade de poder (em termos de sua coesão e seu monopólio dos cargos oficiais e das atividades de lazer) e a sua superioridade humana, a seu carisma coletivo, através de um contra-ataque, de uma rejeição e humilhação contínuos do outro grupo” (Elias, 2000, p.45).

Portanto, neste tipo de figuração, depreciar a autoimagem do grupo inferior através principalmente das fofocas, aparece como um traço constante. A análise feita em Winston Parva pode esclarecer estas situações também em sociedades maiores.

Nesta localidade, podemos observar três características importantes que fizeram com que o grupo estabelecido se sentisse ameaçado pelo grupo outsider: contra seu monopólio das fontes de poder, contra seu carisma coletivo e contra suas normas grupais. Assim, a superioridade dos estabelecidos interfere nas relações sociais, tipificando o preconceito estrutural e a discriminação.

Elias (2000) explica que o ser humano estabelece novas teias de relações quando precisa interagir, havendo um vínculo de dependência nas relações humanas. Os estudantes intercambistas precisaram criar redes que possibilitassem a permanência no país, e isto se deu através das relações com colegas, professores, coordenadores e famílias. Sem a manutenção desta rede eles não teriam obtido êxito na experiência de mobilidade.

3. METODOLOGIA

De forma a viabilizar o processo de pesquisa, para construção deste texto, disponibilizamos um formulário, via Google Forms, para todos(as) os(as) participantes, a fim de ter acesso às informações sobre suas experiências no intercâmbio. Assim, para a análise dos dados obtidos, utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2011), realizando: tabulação, codificação e categorização dos dados obtidos através dos formulários e triangulação dos dados com os(as) autores(as) utilizados(as). Vale ressaltar que os(as) participantes concordaram com a participação através do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), assim, utilizamos as letras de (A a H) como anonimato dos estudantes que estiveram no Canadá no intercâmbio do PGM, resguardando suas identidades.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Estratégias de sobrevivência x redes de interdependência

Os resultados identificados até este momento evidenciam de que a experiência de intercâmbio em si, com sua complexidade, com a estimulação de diversas dimensões do indivíduo e trajetória, reflete nas narrativas dos estudantes, indícios que a experiência de mobilidade acadêmica contribuiu para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, cognitivas e idiomáticas. O desenvolvimento de tais competências foram impulsionadas, em alguns estudantes, como uma alternativa de sobrevivência diante de situações de violência através do bullying.

Estabelecemos a relação de três critérios de análise com a criação de redes de interdependência. Utilizamos a adaptação, a sociabilidade e as expectativas dos estudantes antes da viagem para verificarmos se de fato eles conseguiram estabelecer a criação de redes de apoio mútuo e sua aplicabilidade em sua experiência de mobilidade acadêmica.

Nas entrevistas, identificamos que, durante a mobilidade, foram construídas redes interdependentes utilizadas como estratégia de sobrevivência ajudando no processo de adaptação, permanência e aprendizagens. O fato de estarem em outro país, com uma cultura distinta, os conduziu para que mantivessem ligações sociais entre si e com nativos. As relações sociais estabelecidas se assemelham à experiência descrita por Elias (2000) quanto às questões de estigmatização, identificado através do bullying sofrido por alguns estudantes e a suposta “superioridade” imposta por estudantes nativos aos brasileiros, demonstrando indícios de elementos de racismo estrutural.

Os estudantes “G” e “H” descreveram em suas entrevistas que se sentiram angustiados por sofrerem bullying de colegas de sua turma. As agressões inicialmente foram expressas com risos e olhares. Posteriormente foram materializadas nas aulas de Educação Física.

Ao chegar na quadra senti que os meninos estavam me olhando de forma esquisita. Inicialmente pensei que seria coisa da minha cabeça. Depois fui entendendo que os mesmos que ficavam rindo na sala de aula estavam repetindo o mesmo comportamento comigo. Pode ser porque estou gorda e sou negra. Quando isto acontecia as minhas amigas do Brasil e daqui do PGM me ajudavam a atravessar este sofrimento (Estudante G).

Não sei porque eles ficam no celular digitando e rindo. Desde que cheguei na escola vi que estavam rindo de mim. Eles se sentem melhores do que os brasileiros. Isto me irrita muito (Estudante H).

Em relação ao processo de adaptação no respectivo país de intercâmbio, observamos que estudantes conseguiram construir redes de interdependência, e que para alguns, a sua experiência foi mais tranquila não havendo dificuldades com a prática de bullying.

O processo de adaptação no país estrangeiro para o intercambista é algo difícil pois eles podem vivenciar o choque cultural.

Os estudantes do PGM entrevistados destacaram que a adaptação foi tranquila apesar do comportamento na visão dos brasileiros “fechados”. Sobre a adaptação nos disseram:

Em relação às pessoas daqui eu fiquei impressionado, porque o que me diziam antes de eu vir para cá, é que os canadenses são fechados, não são amigáveis, e é totalmente ao contrário, são super prestativos, respeitadores, amigáveis demais, divertidos e muito gentis, sem contar a honestidade aqui que é enorme, não tenho palavras para descrever tamanha honestidade. No primeiro dia, ainda estava com dúvidas ou até mesmo tímido, mas depois conversei com todo mundo, quando não gostava de alguma comida eu falava e pedia desculpa, bem como quando não entendia algo, por causa da rapidez com que eles falam, mas já me acostumei até demais e nem consigo acreditar que já faz um mês que estou aqui (Estudante A).

Eu agora estou mais tranquila, e estou adorando o intercambio. Embora a saudade do Brasil seja grande, o intercambio tá sendo maravilhoso e estou aprendendo várias coisas aqui (Estudante B).

As pessoas são muito educadas, porém a maioria fechadas para amizades (Estudante C).

Eu posso dizer que não levei muito tempo para me adaptar, logo a partir do segundo dia eu já me sentia em casa. E realmente não tive vontade de voltar pro Brasil, e sei que não terei. Por mim eu ficaria aqui pra sempre (Estudante E).

Nas relações estabelecidas entre pares (aluno-aluno) vimos que os estudantes identificaram dificuldades nas relações com os nativos do país. Eles descrevem os estudantes canadenses (estabelecidos) como “fechados” inicialmente. Mas, com o passar do tempo, a visão deles sobre os colegas se transforma. O comportamento um pouco retraído dos estudantes canadenses não impediu que os brasileiros os convocassem a interação e formação de vínculo. Dentre os estudantes temos também a narrativa de estudantes que tiveram dificuldades de adaptação, mas, que superaram este processo com a ajuda de seus colegas e amigos.

A cultura canadense é distinta da brasileira e não tem a expressão afetuosa e contato físico como requisito para a comunicação afetiva. Em suas falas os entrevistados descreveram os colegas canadenses como “educados” e “receptivos”. Contudo, também há colegas canadenses que apresentam preconceito social e de raça no trato com alguns estudantes.

Quando indagados sobre as amizades feitas durante o intercâmbio, os estudantes relataram dificuldades, como a língua, os hábitos e a interação, como podemos destacar nos trechos a seguir:

Fiz amizades sim, no início estava tímido, mas depois comecei a interagir mais com eles e hoje somos bem próximos, alguns até vieram pra minha festa de aniversário (que minha família fez), conheci um garoto do México que é host brother do meu colega Brasileiro, ele é gente boa (Estudante A).

As pessoas aqui são reservadas, mas são receptivas e educadas, conheci várias pessoas e todos me trataram bem, a única dificuldade no início é que o Inglês ainda não está bom, aí fica complicado para haver um diálogo, mas com um tempo tudo melhora e você começa a ir entendendo as coisas e conseguindo conversar, mas é preciso se esforçar, estudar e ter paciência (Estudante B).

Ainda não fiz amigos canadenses, eles na maioria das vezes são fechados. Sempre permanecem em seus grupos e dificilmente interagem comigo, mas alguns são bem simpáticos e receptivos. Quase todos dos amigos que fiz aqui são de outros países, eles parecem ser mais sociáveis que os próprios canadenses (Estudante C).

Fiz algumas já, os alunos da escola onde estou são muito difíceis de se fazer amizade pelo fato de serem de muitos outros diferentes lugares. Conheci 6 Filipinos, 1 Russa, 2 da Arabia Saudita, alguns da China e 1 do Egito (Estudante D).

Eu fiz um monte de amigos. E sim, os jovens daqui são muito receptivos. Fiz uma amiga da China, que está morando aqui agora. Eu não tenho dificuldades em me relacionar com as pessoas. Meus amigos canadenses dizem que eu tenho um inglês muito bom, o que facilitou ainda mais a nossa amizade, porque consigo me comunicar muito bem com eles (Estudante E).

Comecei frequentar uma igreja perto da minha casa onde vão pessoas de outros países, um lugar maravilhoso para meditar a palavra de Deus e fazer novas amizades. Na escola também fiz amizades, principalmente com os japoneses da aula de ESOL, mas também com pessoas daqui nas demais disciplinas (Estudante F).

De acordo com os relatos, podemos citar como principal característica, o fato dos estudantes procurarem amizades entre os demais colegas intercambistas de diferentes países, como forma de fortalecer suas redes, buscando uma maior coesão e organização para o enfrentamento das dificuldades diárias.

A busca por interação parecer ser um requisito importante como os estudantes do PGM demonstra a sua sociabilidade. A impressão que temos é que no caso destes estudantes eles foram para o intercâmbio disponíveis em se socializarem com os outros colegas e isto também os ajudou. Nos relatos visualizamos que as expectativas narradas estão relacionadas ao comportamento sociável dos brasileiros.

A expectativa de como seria a experiência foi visualizada no relato de alguns estudantes que tinham imaginado como seria o momento de intercâmbio. Sobre isto nos disseram:

Aproveitar, aproveitar e aproveitar. Tirar muitas fotos. Fazer mais amigos. Conhecer todos os lugares possíveis na minha província. Estudar. E viver intensamente (Estudante A).

Que meu Inglês melhore cada vez mais, que eu aprenda mais coisas aqui, que eu me divirta e que eu conheça vários lugares (Estudante B).

Eu espero ficar cada vez mais fluente na língua que estou desenvolvendo e poder deixar de alguma forma uma boa lembrança minha para a escola é para a comunidade (Estudante C).

No momento, só quero aprimorar ainda mais meu inglês. Não sinto mais dificuldade alguma em relação a outras coisas, acredito que já me adaptei ao local e as pessoas (Estudante D).

Eu quero fazer mais amigos, e aproveitar o máximo que eu puder. Quero aprender mais sobre a cultura local e quero ficar fluente no inglês antes de voltar pra casa, esse é meu maior sonho (Estudante F).

A maioria dos estudantes tem a aprendizagem do idioma como fundamental para a experiência de mobilidade. Isto é visível em seus relatos. A estudante “A” teve como expectativa fazer novos amigos e viver intensamente o intercâmbio.

A estudante “B” queria conhecer vários lugares e se divertir. A estudante “C” desejou aprimorar o inglês e contribuir de forma positiva para a escola e comunidade. A vontade de tornar-se fluente no idioma moveu os estudantes a viver a experiência de intercâmbio.

A estudante “D” desejou aprimorar o idioma e vencer dificuldades que tinha consciência na experiência que precisava vencer.

A estudante “F” tem a sociabilidade como premissa fundamental em sua experiência e desejou aproveitar cada momento. Além do idioma a estudante teve a intenção de aprender a cultura sendo para ela o seu sonho.

5. CONCLUSÃO

Diante das análises, identificamos indícios de que a relação “estabelecido- outsiders” foi vivenciada pelos estudantes intercambistas e que as redes de interdependência criadas entre eles,

contribuíram para suas permanências no projeto. Entretanto, por se tratar de uma pesquisa em andamento, até o presente momento, podemos sugerir: a) que os estudantes criaram redes de interdependência com diversos atores sociais; b) que houve a relação dos elementos: adaptação, sociabilidade e expectativas, com a fomentação da rede de interdependência no processo de mobilidade acadêmica; d) alguns estudantes conseguiram responder às agressões dos colegas internacionais e estabeleceram respeito no espaço social em que estavam inseridos e c) outros estudantes não conseguiram reagir às provocações e se isolaram dos colegas mesmo que prejudicasse a sua experiência.

Desta forma, acreditamos que descobriremos mais elementos que nos ajudem a compreender como foram estabelecidas as configurações sociais dos estudantes e como estas redes criadas possibilitaram o usufruto desta experiência em suas trajetórias, uma vez que, teremos uma melhor compreensão das forças que os atores envolvidos exercem mutuamente nesta rede de interdependência.

REFERÊNCIAS

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70.

Elias, N. (2017). *Introdução à Sociologia*. Trad.: Maria Luísa Ribeiro Ferreira. São Paulo: Edições 70.

Elias, N., & Scotson, J. L. (2000) *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar.

Elias, N. (2011). *O Processo Civilizador: Uma história dos costumes*. v.1, (2ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Elias, N. (1993). *O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização*. v. 2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Elias, N. (1994). *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Elias, N. (1994). *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Elias, N. (2001). *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Zahar.